

## **Fé e amor como dimensões da Razão e da Liberdade**

**Faith and love as dimensions of Reason and Freedom\***

**Julian Batista Guimarães\*\***

### **Resumo**

Este artigo pretende refletir sobre algumas possíveis relações entre Razão e Liberdade, partindo da afirmação de Lima Vaz de que a única tarefa da filosofia consiste em pensar ou unir dialeticamente Liberdade e Razão. Inicialmente lembramos a crítica vaziana ao aspecto da ideologia pós-moderna que reivindica o uso ilimitado da liberdade ao mesmo tempo em que sofre a perda dos fins da liberdade, crítica que evidencia a aporia dessa relação na contemporaneidade. Em seguida, refletimos sobre dois aspectos da relação entre Razão e Liberdade em termos de uma mútua exclusão entre ambos, ilustrando-as a partir de exemplos retirados da história e da literatura a fim de mostrar as nefastas consequências de uma compreensão estreita e unilateral dos dois conceitos. Por fim, a partir da afirmação de Pe. Vaz de que a Liberdade não é exterior, mas intrínseca ao movimento da Razão, pretendemos apontar para a necessidade de ampliarmos a compreensão dos dois conceitos de modo que eles compreendam sob si as dimensões da fé e do amor que tornam possível uma relação de não exterioridade entre Razão e Liberdade.

**Palavras-chave:** Razão; Liberdade; Fé; Amor.

### **Abstract**

The aim of this paper is to reflect on some possible relationships between Reason and Freedom, based on the Lima Vaz claim that the only task of philosophy is to think or join dialectically Freedom and Reason. For this, we initially remind the Vaz's critical to the postmodern ideology that claims the unlimited use of freedom while suffering the loss of the

---

\* Artigo recebido em 23/05/2015 e aprovado para publicação em 25/05/2015.

\*\* Mestrando em Filosofia pela FAJE. Membro do GEVAZ.

purposes of freedom, criticism that highlights the quandary of that relationship in the contemporary world. Then, we reflect on two aspects of the relationship between reason and freedom in terms of a mutual exclusion between both illustrating them from examples taken from history and literature to show the harmful consequences of a narrow and one-sided understanding of the two concepts. Finally, from the statement of Vaz that Freedom is not external but intrinsic to the movement of Reason, we intend to point to the need to broaden the understanding of two concepts so that they include dimensions of faith and love that make possible a non-externality relationship between Reason and Freedom.

**Keywords:** Reason; Freedom; Faith; Love.

## Introdução

Iniciamos lembrando a incontestável prioridade que Lima Vaz atribui à relação entre Razão e Liberdade enquanto problemática filosófica. Em 1993, Vaz encerra uma conferência sobre o tema *filosofia e cultura na tradição ocidental* com a seguinte afirmação: *Pensar a Liberdade ou unir dialeticamente Liberdade e Razão, eis a única tarefa da filosofia*<sup>1</sup>.

Creio que tal afirmação já nos faz ver a importância do tema para o nosso filósofo. Entretanto, Vaz não assume esse imperativo como tarefa filosófica somente no amplo campo da cultura. Essa necessidade de articular filosoficamente Razão e Liberdade acompanha também o seu discurso sobre as dimensões mais específicas da filosofia como a metafísica, a ética e a antropologia. No que se refere à ética, por exemplo, para Lima Vaz a articulação entre razão e liberdade constitui não só uma aporia, mas a "aporia fundamental" da ciência da práxis, cuja solução tem sido tentada desde os gregos e ainda permanece sendo o desafio teórico mais grave de nossa civilização<sup>2</sup>.

Em sua antropologia encontramos essa relação expressa na determinação filosófica da categoria do espírito cujo movimento imanente, segundo Vaz, "aparece como uma intercausalidade dialética que se exprime nas oposições clássicas da *inteligência* e da *vontade*, do *espírito teórico* e do *espírito prático...*"<sup>3</sup>, interações que constituirão o núcleo conceptual da noção de espírito ao qual Vaz chamará de "quiasmo do espírito finito".

No campo da cultura, o diagnóstico crítico de Lima Vaz se faz sentir com um vigor e pertinência que extrapolam o âmbito da reflexão acadêmica e encontram confirmação no reconhecimento, já lugar comum hoje, de um mal estar que afeta nossa existência concreta, e que

---

<sup>1</sup> VAZ, H. C. de Lima. *Filosofia e cultura na tradição ocidental*. Síntese, v.20, n.23 (1993), p. 567-568. Esta conferência foi publicada posteriormente como o primeiro capítulo do livro *Escritos de Filosofia III: Filosofia e cultura*. São Paulo: Loyola, 1997.

<sup>2</sup> VAZ, H. C. de Lima. *Escritos de filosofia II: Ética e cultura*. São Paulo: Loyola, 1993, p. 83.

<sup>3</sup> VAZ, H. C. de Lima. *Antropologia Filosófica I*. 8.ed. São Paulo: Loyola, 2006, p. 193.

podemos chamar de uma crise de civilização. Essa crise, no entanto, como enfatiza Vaz, não diz respeito a questões materiais, mas é uma crise espiritual, uma crise de sentido, crise da razão. E, novamente, no cerne dessa crise encontramos o desajuste entre Razão e Liberdade tão bem apresentado por Vaz na seguinte afirmação:

Todos os meios vão se tornando acessíveis para o uso da liberdade, enquanto vão se obscurecendo, uma a uma, as *razões* de ser livre. É essa, propriamente, a essência do *niilismo ético* e é essa a bandeira ideológica levantada pelos arautos da pós-modernidade. *Usar* ilimitadamente da liberdade sem conhecer os *fins* da liberdade: tal a prática social que se difunde universalmente como sucedâneo aético do que deveria ser o *ethos* da primeira civilização universal<sup>4</sup>.

Se quisermos completar a afirmação vaziana com um exemplo literário, nada melhor que as palavras do “grande inquisidor” do conto de Ivan Karamázov, que afirma: “o segredo da existência humana não consiste apenas em viver, mas na *finalidade* de viver. Sem uma sólida noção da finalidade de viver o homem não aceitará viver e preferirá destruir-se a permanecer na Terra ainda que cercado só de pães”<sup>5</sup>. É digno de nota que, segundo Ivan, este seja o único ponto do ensinamento de Jesus com o qual até o velho inquisidor do conto concorda.

## I

A grande questão da filosofia é, pois, pensar a articulação entre Razão e Liberdade. Sabemos que Vaz reconhece a grandeza dos modelos platônico e hegeliano em seu imenso esforço de busca por conceptualizar e resolver as cisões da relação entre filosofia e cultura. Segundo Lima Vaz, tanto em Platão quanto em Hegel, esse trabalho filosófico é levado a cabo pelo movimento dialético do Uno que, como princípio, organiza o múltiplo. Em Platão a dialética que realiza esse trabalho é vertical, pois seu movimento é de subida e de descida e, sob a ideia do Bem, organiza o múltiplo como *universo*. Em Hegel, a dialética segue horizontalmente à medida que o múltiplo é organizado segundo os estágios de sua manifestação como Espírito, ou seja, como *história*.<sup>6</sup> Mas, para nosso tema aqui, convém ver que a importância dada por Vaz aos dois modelos filosóficos citados se deve ao fato de que em ambos a “liberdade não é *exterior* à Razão, mas é *intrínseca* ao movimento da sua autoconstituição ou, antes, é essa autoconstituição mesma”<sup>7</sup>. Daqui, portanto, é que extraímos a orientação fundamental para se pensar filosoficamente a relação entre Razão e Liberdade, a saber: a necessidade de uma articulação original que nem simplesmente sobreponha uma à outra como

---

<sup>4</sup> VAZ, H. C. de Lima. *Escritos de Filosofia III: Filosofia e cultura*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 137.

<sup>5</sup> DOSTOIÉVSKI, F. *Os Irmãos Karamázov*, v.1. São Paulo: Ed. 34, 2008, p. 353.

<sup>6</sup> Cf. VAZ, H. C. de Lima. *Escritos de filosofia III*, p. 55.

<sup>7</sup> *Id.*, p. 80.

duas coisas exteriores, nem mostre uma síntese na qual simplesmente se anule um dos termos. É nesse sentido que pretendemos refletir aqui sobre a relação entre os conceitos Razão e Liberdade com o intuito de ver como poderíamos melhor conceber essa relação intrínseca entre ambas, tal como apontada por Vaz.

Creio que, a partir dessa primeira direção apontada por Lima Vaz, podemos apresentar, *a priori*, três possibilidades da relação entre Razão e Liberdade. Claro que, ao colocar a questão dessa maneira, não queremos personificar os conceitos, antes estamos pensando em como essa relação se efetiva nas ações e na história humanas. E queremos, com isso, lançar alguma luz sobre a importância de compreendermos de maneira adequada a Liberdade, a Razão e a relação entre ambas.

- 1) Podemos dizer que a primeira possibilidade lógica dessa relação é a da Razão sem Liberdade ou a predominância da Razão;
- 2) A segunda, a manifestação de uma Liberdade sem Razão ou a exaltação de uma liberdade ilimitada;
- 3) A terceira, a de uma integração ou articulação entre Razão e Liberdade que, como podemos ver, coincide com o que Vaz entende ser a tarefa da filosofia.

A essas três possibilidades lógicas da relação entre Razão e Liberdade podemos fazer corresponder suas manifestações concretas e para isso basta recorrermos à história para encontrar exemplos ilustrativos para cada uma delas, embora afirmemos que a apresentação da terceira possibilidade permanece sempre um ideal a ser promovido.

A forma concreta de uma Razão sem Liberdade creio que podemos denominá-la despotismo, sob cuja divisa pode-se enumerar toda forma de tirania, intolerância, guerra e outros tipos de violência contra a dignidade humana. Nunca é demais recordar as consequências e mais ainda a experiência vivida por seres humanos sob regimes políticos ou religiosos tiranos nos quais a liberdade humana não passava de um sonho distante. Como bem sabemos, esse tipo de experiência não faz parte de um passado tão remoto. E mesmo que as tiranias das monarquias antigas, o fascismo europeu e as ditaduras sul-americanas do século passado não sejam mais, enquanto regimes políticos, ameaças à nossa liberdade externa sua lembrança não deve ser simplesmente enterrada e esquecida como se estivéssemos imunes a tais práticas; antes, ela deve nos servir ao menos de lição sobre nossa própria natureza humana e suas possibilidades de institucionalização da anti-liberdade. Do mesmo modo, se a inquisição como instituição há muito deixou de existir, e se dela apenas nos lembramos com o horror de quem abomina os pecados de certo tipo de liderança religiosa da época, ela ao menos deve nos fazer ver as "fogueiras" atuais nas quais ainda queimamos aqueles que não compartilham nossas crenças, sejam elas religiosas ou não. Que embora a "tolerância" já seja por nós hoje admitida como um valor, ainda não estamos completamente purgados de certa tendência à intolerância que, incrivelmente, brota exatamente quando mais "razões" temos para

defender um valor no qual acreditamos. É claro que aos nossos olhos hoje essas práticas nos parecem totalmente irracionais, mas se olhamos para os motivos daqueles que as incitaram perceberemos sua pretensão de “racionalidade” à medida que pensavam estar realizando uma coisa boa, seja para o indivíduo ou para a humanidade; com efeito, a elaboração do projeto nazista de extermínio dos judeus exigiu um alto grau de racionalidade, caso contrário ele não teria nem parecido algo justificável nem poderia ter-se realizado em tamanhas proporções como o foi; do mesmo modo, se a inquisição não tivesse a seu favor uma “justificativa racional”, isto é, o perdão dos pecados e a salvação da alma do herege ou da bruxa, a prática de queimar um ser humano vivo não teria encontrado tantos adeptos, a não ser entre os sádicos.

Como outros exemplos dessa Razão desumanizante podemos evocar as clássicas cenas do filme *Tempos modernos*, de Charles Chaplin, que retrata o pobre Carlitos como uma extensão ou peça das engrenagens, cuja vida acaba sendo absorvida pela maquinaria; ou a conduta de Eichmann, tão “eficaz” na obediência às leis nazistas que chegou a denominar-se um legítimo “kantiano”<sup>8</sup> segundo o testemunho de Hannah Arendt; ou ainda as ideias reducionistas que veem o homem como um mero autômato incapaz de liberdade.

Portanto, parece-nos evidente que uma Razão sem Liberdade possui um grande poder de aniquilar um elemento humano em nós. Ela manifesta-se de maneira extrema ao transformar-se em mero instrumento (razão instrumental) que se utiliza unicamente segundo critérios quantificadores baseados nas ideias de lucro, eficácia e certeza e que, por sua natureza, transforma também os seres humanos em instrumentos e em objetos avaliados de acordo com aqueles mesmos critérios.

Quanto à expressão concreta da afirmação de uma Liberdade sem Razão, certamente a podemos chamar de niilismo, à medida que admitimos a necessária relação da Razão com os fins essenciais ao ser humano. Ao que tudo indica, o nosso próprio tempo aparece como exemplo privilegiado dessa relação. Como vimos no início, uma definição de niilismo dada por Vaz é justamente o progressivo aumento do *uso* da liberdade juntamente com a perda das razões do ser livre ou a perda do conhecimento dos *fins* da liberdade. Esta segunda possibilidade afirma-se claramente como antípoda da primeira. Podemos reconhecê-la e identificá-la ao nosso tempo com a ajuda dos estudos da sociologia, da filosofia ou da psicologia contemporâneas que apontam para o individualismo como sua insígnia mais representativa, se entendemos por individualismo o movimento do indivíduo para si mesmo como seu único fim imediato.

Esta perspectiva niilista de autocompreensão do homem contemporâneo encontramos também com frequência na reflexão dos chamados pós-modernos que constataam a crise da Razão e a ascensão da

---

<sup>8</sup> Cf. ROGOZINSKI, J. *O dom da lei: Kant e o enigma da ética*. São Paulo: Discurso Editorial, Paulus, 2008, p. 23.

Liberdade; o fim dos ideais filosóficos da modernidade, o desencanto da razão, o cessar da busca pelos fundamentos e pela unidade de explicação, o fim das metanarrativas e das ideologias dominantes e até a ideia de "fim da história" são alguns sintomas dessa crise. Também a filosofia do século XX seguiu o caminho de exaltação da Liberdade. E assim, a Razão, que desde as vigorosas marteladas de Nietzsche, tem sido olhada com desconfiança e açoitada desde então, parece tão extenuada e fragmentada que não consegue levantar-se a ponto de fazer páreo diante das elevadas exigências atuais de Liberdade.

Mas, podemos nos interrogar, qual é o problema com a afirmação de uma Liberdade sem Razão? Não é ela capaz de realizar os desejos humanos? Não satisfaz ela as nossas necessidades de bem-estar, de satisfação pessoal por podemos escolher levar a vida que queremos? Por que a liberdade niilista não é capaz de acolher em si a razão?

O problema de uma Liberdade sem Razão é que ela se afunda no imediatismo sempre presentista e confunde a satisfação de algumas de nossas carências imediatas e a sensação de um bem-estar passageiro com a realização humana que seja, de fato, verdadeira. Não é que não tenhamos de satisfazer as necessidades imediatas, mas isso não é suficiente para responder as questões menos imediatas, mas não menos importantes, como por exemplo, a finalidade da vida pessoal ou o destino da humanidade. Quando entendemos a Liberdade somente como livre-arbítrio, *i.e.*, como mera capacidade de escolha, esquecemo-nos dos fins ulteriores em vista dos quais apenas terá sentido o exercício dessa escolha, esquecemos de que importa viver nossa vida sem deixar de pensar no futuro, de que as gerações vindouras herdarão o mundo que estamos construindo agora e que essa consciência deveria ser um elemento relevante e inerente à própria escolha. Por isso, o problema de viver a Liberdade sem Razão é o risco da absolutização do *viver bem* sem querer importar-se com o *para que* viver, porque sem Razão perdemos os fins da Liberdade.

É claro que há justificações também para esse modo de vida. Um exemplo disso é aquela "filosofia do absurdo" que nega qualquer instância transcendente doadora de fins, comprimindo a finalidade da vida à imanência da própria existência. Desse modo, o "sentido" ou a mera justificação do viver dá-se no confronto do homem com o absurdo da vida, pela própria aceitação do absurdo numa indiferença que, embora resignada, é ativa, ou seja, pretensamente heroica.

Nesse modo de pensar, o objeto da ação destitui-se de seu caráter transcendente ou teleológico e transforma-se na essência da própria ação. Mas com isso a ação assume um caráter inumano de uma solidão eterna, na qual um estado futuro diferente dela mesma não tem lugar. Por isso, podemos encontrar a representação máxima dessa Liberdade sem Razão em Sísifo, o homem que é condenado a despender todos os seus esforços por algo que ele sabe que não vai alcançar. A tragédia de Sísifo, contudo, como bem observa Camus, não consiste no fato de que ele não *consegue*

realizar sua tarefa e sim no fato de que ele tem plena consciência disso<sup>9</sup>, ou seja, que ele não tem esperanças de conseguir cumpri-la e mesmo assim é obrigado a realizá-la. A imagem de Sísifo ilustra a ideia de que a pura Liberdade não consegue encontrar sentido em si e, na medida em que renuncia a fins, destrói-se a si mesma enquanto liberdade porque dá origem a um movimento meramente autômato, porque repetido, insaciável e sem fim. Assim, creio que, se aceitamos a ideia de que o exercício da liberdade implica ao menos a *esperança* de realizar o fim da ação livre, então, ao ratificar a exigência de uma vida que seja pura liberdade, Sísifo só pode ser feliz sob a condição de não mais ser humano; ou então somente se aceitarmos a premissa de Camus de que o próprio esforço do agir, mesmo sem uma finalidade, é capaz de preencher os anseios do coração humano<sup>10</sup>, ou seja, de que a felicidade e o absurdo são irmãos.

## II

A partir dos poucos exemplos apresentados acima, podemos tirar algumas conclusões acerca da relação entre Razão e Liberdade. A primeira possibilidade apresentada mostra-nos que a Razão sem Liberdade gera despotismo, pois exprime uma forma de negação de elementos essencialmente humanos como a criatividade, a afetividade e a sensibilidade para com os outros. A Razão sem Liberdade é, pois, vazia ou, antes, exangue, mera forma, morta. A segunda relação torna evidente que a Liberdade sem Razão é não menos prejudicial, à medida que difunde uma espécie de nihilismo. Esta maneira de compreender a Liberdade se esquece de outros elementos essenciais à vida humana, a saber, a referência ao futuro, os projetos de vida, as razões últimas (sentido e fins) de viver. A Liberdade sem Razão é, pois, cega, "idiota" (no sentido grego do termo), sem sentido. Portanto, podemos dizer, parafraseando Kant: a Razão sem Liberdade é vazia; a Liberdade sem Razão é cega.

Resta-nos ver ainda a terceira possibilidade: a de uma relação equilibrada entre Razão e Liberdade. Esta, porém, como lembrava-nos Vaz, é a tarefa da filosofia e, eu diria, uma tarefa humana permanente. E por isso mesmo prefiro abster-me aqui de buscar exemplos históricos dessa relação e tentar pensar filosoficamente uma de suas possibilidades.

Como dizíamos no início, Vaz nos ajuda a compreender o elemento específico da relação entre Razão e Liberdade que garante sua autêntica integração. Esse elemento consiste no fato de que a Liberdade não é exterior à Razão, mas é intrínseca ao movimento de sua autoconstituição, ou seja, é a própria autoconstituição da Razão. Creio que essa ideia nos convida a pensar a Razão e a Liberdade como conceitos mais amplos do que aqueles que remetem estritamente às dimensões do "saber" da razão

<sup>9</sup> CAMUS, A. *O mito de Sísifo*, p. 123.

<sup>10</sup> Camus expressa essa tese na afirmação final: "A própria luta para chegar ao cume basta para encher o coração de um homem. É preciso imaginar Sísifo feliz" (Camus, *Id.*, p. 124).

e do “poder” (escolher) da liberdade. Ou seja, é preciso pensar a Razão sob um conceito que inclua uma dimensão de “não-saber”, de incerteza, de um *pensar* no sentido kantiano, ou de uma dimensão que Kant chamaria de “fé racional”; e pensar um conceito de Liberdade que admita uma dimensão do ser “livre para...”, de uma liberdade que só pode escolher o bem, que não seja *absolutamente* autônoma, que inclua, pois, a possibilidade de agir por amor e não meramente pelo “amor de si”, que caracteriza a liberdade estrita.

Se tal interpretação da Razão e da Liberdade é filosoficamente possível, se ela é capaz de compreender uma dimensão de fé no âmbito da Razão e a dimensão do amor (ao bem) no âmbito da Liberdade, então ela parece ser uma possível resposta para a necessidade de articulação entre Razão e Liberdade.

De fato, só um conceito de Razão capaz de desprender-se de seu campo estritamente lógico-matemático e de acolher a dimensão prático-moral (de uma fé racional) é capaz de compreender em si a liberdade, pois esta não se deixa determinar pela necessidade causal própria da concepção estrita de Razão. E só um conceito de Liberdade, que extrapole os limites de um mero poder de escolha e inclua a dimensão de uma liberdade segundo o amor, é capaz de compreender em si a razão enquanto faculdade de prover os *fins* desse livre agir. A Razão assim compreendida, é preenchida pelo conteúdo da liberdade que busca o bem, e deixa de ser vazia; e a Liberdade, aceitando a orientação da razão que busca verdadeiros fins, é curada de sua cegueira niilista.

Podemos concluir, portanto, que os conceitos de Razão e Liberdade como apresentados inicialmente em sua relação de exterioridade, quando compreendidos estritamente ou quando tomados isoladamente sem relação com o outro, tornam sua articulação no mínimo problemática. Tal modo de compreensão gera, por exemplo, o problema aparentemente insolúvel da conciliação entre o determinismo e a liberdade em uma mesma ação. De modo que para pensarmos a Liberdade como intrínseca à Razão faz-se necessário uma compreensão mais alargada desses dois conceitos, como mencionado acima. Ou seja, é preciso admitir um conceito de Razão que abarque uma dimensão de fé, ainda que apenas no sentido kantiano de uma “necessidade subjetiva da razão”<sup>11</sup> ou de um assentimento que “consiste em admitir como verdadeiro aquilo que é preciso admitir como condição de possibilidade”<sup>12</sup> de algo<sup>13</sup>. E é também necessário pensar um conceito de Liberdade que inclua uma dimensão de responsabilidade, de cuidado para com os fins humanos comuns, portanto, de uma liberdade cuja razão de ser seja o bem. E tal dimensão parece assemelhar-se com o *agápe*, o sentido cristão do amor.

---

<sup>11</sup> KANT, *Crítica da Razão Pura*, B 851-852.

<sup>12</sup> KANT, *Crítica da Faculdade do Juízo*, § 91.

<sup>13</sup> “O espírito é sempre uma fé em valores mais elevados, universais e humanos, e na esperança de realizar esses valores. *Sem alguma fé*, o homem não seria mais um ser racional, e seria difícil distingui-lo do animal” (Cf. Goldmann, L. *Origem da dialética*, p. 200).



## Referências

- CAMUS, A. *O mito de Sísifo*. Trad. Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro: BestBolso, 2010.
- DOSTOIÉVSKI, F. *Os Irmãos Karamázov*, v.1. São Paulo: Ed. 34, 2008.
- GOLDMANN, L. *Origem da dialética: a comunidade humana e o universo em Kant*. Trad. Haroldo Santiago. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. 2.ed. São Paulo: Vozes, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Crítica da Faculdade do Juízo*. 3.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- ROGOZINSKI, J. *O dom da lei: Kant e o enigma da ética*. São Paulo: Discurso Editorial, Paulus, 2008.
- VAZ, H. C. de Lima. *Filosofia e cultura na tradição ocidental*. Síntese, v.20, n.23 (1993).
- \_\_\_\_\_. *Escritos de filosofia II: Ética e cultura*. São Paulo: Loyola, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Escritos de Filosofia III: Filosofia e cultura*. São Paulo: Loyola, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Antropologia Filosófica I*. 8.ed. São Paulo: Loyola, 2006.